

Publica-se nesta data o Livro do Colóquio "Orpheu e o Modernismo português", que se realizou na Fundação Eng. António de Almeida no dia 19 de março de 2015, extensão do Congresso Internacional "100 Orpheu", que foi promovido pelo CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), em colaboração com outras entidades, portuguesas e brasileiras. A natureza das conferências apresentadas, quer pelo seu valor literário, quer por mostrarem o estado da arte em torno da problemática de *Orpheu* e da sua singularidade no contexto do Modernismo português, exigia que os respetivos textos fossem divulgados sob forma de livro, alargando deste modo a audiência e leitura dos mesmos, que se prevê profícua.

EO MODERNISMO PORTUGUÊS

Orpheu



Orpheu

Orpheu

E O MODERNISMO PORTUGUÊS



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA



E O MODERNISMO PORTUGUÊS

Livro do Colóquio

Fundação Eng. António de Almeida
19 de março de 2015

Orpheu

E O MODERNISMO PORTUGUÊS

Livro do Colóquio

Fundação Eng. António de Almeida
19 de março de 2015



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

SUMÁRIO

Apresentação

Colóquio: "*Orpheu* e o Modernismo português" 9

PAULO SAMUEL

Com *Orpheu* 11

ERNESTO RODRIGUES

Abertura do Colóquio

A Fundação Eng. António de Almeida e o universo pessoano 15

DOUTOR FERNANDO AGUIAR-BRANCO

(Presidente da Fundação Eng. António de Almeida)

Conferências e comunicações

O mito do *Orpheu* 21 36

ARNALDO SARAIVA

Orpheu acabou. *Orpheu* continua 37 46

ISABEL PONCE DE LEÃO

A estética de *Orpheu* e a *evidência* da vanguarda 47 54

EDUARDO PAZ BARROSO

Pessanha e Pessoa: poéticas modernistas 55 64

MARIA DO CARMO MENDES

Os Modernistas e a audácia da plenitude DIONÍSIO VILA MAIOR	65 78
Fernando Pessoa e a Censura ANTÓNIO APOLINÁRIO LOURENÇO	79 92
<i>Mensagem</i> em moldura epocal ANNABELA RITA	91 122
Colagens sobre <i>Orpheu</i> e modernismos LAURA CASTRO	125 133
Estéticas de <i>Orpheu</i> MARIA DE FÁTIMA LAMBERT	135 140
De <i>Orpheu</i> ao modernismo brasileiro – Sons e tons da revista <i>Klaxon</i> PAULO SAMUEL	171 203
<i>Orpheu</i> e o Modernismo português SALVATO TRIGO	205 211
Sinopses biográficas dos conferencistas	213 216
Marginália	
O Colóquio em imagens	219
Cronografia da revista <i>Orpheu</i>	231 258
Bibliografia geral sobre <i>Orpheu</i>	289 255-271
A Fundação Eng. António de Almeida e a projeção da obra pessoana – <i>Sinopse</i>	273
Índice onomástico	295

Colóquio: “*Orpheu* e o Modernismo português”

Publica-se nesta data o Livro do Colóquio “*Orpheu* e o Modernismo português”, realizado na Fundação Eng. António de Almeida no dia 19 de março de 2015, extensão do Congresso Internacional “100 *Orpheu*”, que foi promovido pelo CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) em colaboração com outras entidades, portuguesas e brasileiras.

O Colóquio foi complementado por uma Exposição – organizada em dois núcleos distintos, um sob o lema “Memória d’*Orpheu*” e o outro rotulado “A Fundação Eng. António de Almeida e o universo *pessoano*” –, da qual ficou registo fotográfico e, sobretudo, um oportuno catálogo ilustrado, distribuído graciosamente ao longo dos dias da exposição, que tem a particularidade de incluir no final alguns textos do próprio Fernando Pessoa sobre a aventura editorial e estético-literária de *Orpheu*. Nesse impresso, também se transcreveu o programa do Colóquio e foi dado conhecimento público de sinopses biográficas dos Conferencistas presentes.

A natureza das conferências apresentadas, quer pelo seu valor literário, quer por mostrarem o estado da arte em torno da problemática de *Orpheu* e da sua singularidade no contexto do Modernismo português, exigia que os respetivos textos fossem divulgados sob forma de livro, alargando deste modo a audiência e leitura dos mesmos, que se prevê profícua. Todavia, como sempre ocorre nestas situações, não foi possível organizar de imediato o volume de atas, desde logo pelo facto de se permitir aos oradores que apresentassem uma versão definitiva da sua intervenção, com as inevitáveis e não lidas notas de rodapé e as referências bibliográficas. Entretanto, o tempo escoou e só no início do corrente ano de 2016 ficou organizado o volume, pronto para paginação e maquetização.

Ao folhear estas centenas de páginas, pareceu ao editor que seria porventura útil, numa perspetiva documental e informativa, juntar uma marginália que

- SIMÕES, João Gaspar – 21, 43, 47, 55, 56, 63, 72, 80, 82, 90, 205, 208, 249, 250, 251, 262, 265, 267, 268
- SOARES, António – 101
- SOARES, Bernardo [i.e. PESSOA, Fernando] – 70, 76, 135, 136, 138, 140, 141, 146, 156, 157, 163, 164, 166, 169, 170, 208
- SOARES, Celestino – 100
- SOARES, José Carlos Macedo – 179
- SOARES, Mário – 19, 270, 291
- SOARES, Maria – 27
- SOTTOMAYOR, Ana Paula Quintela – 276
- SOUSA BRAGA, Jorge – 257, 260
- SOUSA SANTOS, Maria Helena Ramalho – 291
- SOUSA, João Rui de – 260, 266
- SOUSA, Manuel Pinto de – 97
- SOUZA CARDOSO, Amadeo – 27, 40, 41, 51, 52, 118, 128, 130, 141, 247
- SPAGGIARI, Barbara – 56, 64
- STEGERS, Marie Lumer – 18, 289
- TASCA, Norma – 17, 18, 276, 277, 283, 285, 286, 287
- TAVANI, Giuseppe – 276
- TÁVORA, Fernando – 16, 254
- TEIXEIRA, Luís Filipe B. – 270
- TELF, Gilberto Mendonça – 201
- TELMO, António – 92, 120
- TEYSSIER, Paul – 285
- THIOLLIER, René – 179, 182, 203
- THOMSON, J. J. – 102
- TOLEDO, Marcio – 285
- TOMLINSON, K. Y. – 281
- TORGA, Miguel – 43, 211
- TORRES, Fátima – 282
- TORRES, Óscar Monteiro – 104
- TOUATI, Dominique-Rose – 276
- TREVISAN, Aristides – 285
- TRIGO, Salvato – 10, 13, 205-211, 225, 288
- TZARA, Tristan – 50
- UNAMUNO, Miguel de – 130, 236, 262
- VALÉRY [Paul] – 25
- VAN-DÛNEM, Domingos – 18
- VASCONCELOS, José Manuel Peixoto de Villas Boas – 281
- VAZ, Ruy – 42, 198
- VEIGA, Pedro (ver PETRUS)
- VELOSO, Hildegardo Leão – 180
- VENADE, Germano Joaquim – 102
- VERDE, Cesário – 43, 207
- VESPIERA – 268
- VIANA, Francisco Oliveira – 175
- VICENTE, Gil – 110
- VIEIRA DA SILVA, Maria Helena – 269
- VIEIRA [Padre] António – 92, 121, 207, 209
- VIEIRA, Joaquim – 268
- VIEIRA, Nelson – 287, 291
- VIEIRA, Vergílio Alberto – 260
- VILA MAIOR, Dionísio – 11, 13, 55, 64, 65-78
- VILABOIN, Manuel – 203
- VILAR, Emilio Rui – 19, 268
- VILAR, Irene – 17, 18, 19, 205, 269, 280-283, 285, 288-290
- VILLA-LOBOS, Heitor – 179, 182, 192, 196
- VITA, Luis Washington – 177, 178, 201
- VOGT, Carlos – 270
- WHITMAN [Walt] – 207, 247, 248, 278
- WOGAN, Daniel S. – 287
- WRIGHT, David – 19, 292
- YECO, Miguel – 269
- ZENTH, Richard – 85, 86, 90, 266, 268
- ZÉVI, Bruno – 107, 109
- ZILBERMAN, Regina – 201

Título

ORPHEU E O MODERNISMO PORTUGUÊS
LIVRO DO COLÓQUIO

Coordenação – Paulo Samuel
Paginação e capa – Margarida Baldaia
Revisão – Maria David Castro

Edição e © –
Fundação Eng. António de Almeida

Data de edição – novembro de 2016
Impressão e acabamento – Rainho & Neves, Lda.
Depósito legal – 419195/16
ISBN – 978-972-8012-42-7

Distribuição –
Fundação Eng. António de Almeida
Rua Terence Valadim, 323
4100-479 Porto – Portugal
Tel. 22 606 74 18
fundacao@feaa.pt
www.feaa.pt

SUMÁRIO

Apresentação

Colóquio: “Orpheu e o Modernismo português”	9
PAULO SAMUEL	

Com Orpheu	11
ERNESTO RODRIGUES	

Abertura do Colóquio

A Fundação Eng. António de Almeida e o universo pessoano	15
DOUTOR FERNANDO AGUIAR-BRANCO	
(Presidente da Fundação Eng. António de Almeida)	

Conferências e comunicações

O mito do Orpheu	21	36
ARNALDO SARAIVA		

Orpheu acabou. Orpheu continua	37	46
ISABEL PONCE DE LEÃO		

A estética de Orpheu e a evidência da vanguarda	47	54
EDUARDO PAZ BARROSO		

Pessanha e Pessoa: poéticas modernistas	55	64
MARIA DO CARMO MENDES		

Os Modernistas e a audácia da plenitude DIONÍSIO VILA MAIOR	65 78
Fernando Pessoa e a <u>Censura</u> ANTÔNIO APOLINÁRIO LOURENÇO	79 90
<u>Mensagem</u> em moldura epocal ANNABELA RITA	91 123
Colagens sobre <i>Orpheu</i> e modernismos LAURA CASTRO	125 133
Estéticas de <i>Orpheu</i> MARIA DE FÁTIMA LAMBERT	135 170
De <i>Orpheu</i> ao <u>modernismo brasileiro</u> – Sons e tons da revista <u>Klaxon</u> PAULO SAMUEL	171 203
<i>Orpheu</i> e o Modernismo português SALVATO TRIGO	205 211
Sinopses biográficas dos conferencistas	213 216
Marginália	
O Colóquio em imagens	219
Cronografia da revista <i>Orpheu</i>	231 258
Bibliografia geral sobre <i>Orpheu</i>	289 259- 271
A Fundação Eng. António de Almeida e a projeção da obra pessoana – <i>Sinopse</i>	273
Índice onomástico	295

Os Modernistas e a audácia da plenitude

DIONÍSIO VILA MAIOR

in Orpheu e o Modernismo português. Livro do Colóquio (SAMUEL, Paulo [Coord.]), Porto, Fundação Eng. António de Almeida, pp.65-78

1. Em 1912, na novela *O Sexto Sentido*, do modernista Mário de Sá-Carneiro, a personagem Patrício Cruz confessa ao narrador que possui aquilo que denomina de “*sexto sentido*”; e diz o seguinte:

Um órgão novo se desenvolveu no meu cérebro: Sou o “homem perfeito”, o precursor das gerações futuras!...

E continua, afirmando que, através desse “órgão” no seu “cérebro”, conseguia penetrar no íntimo de cada pessoa e identificar-se com ela; contudo, reconhece, dolorosamente:

Todo o mundo sofria, eu sofria por todo o mundo!... Vês... vês como isto é horrível?... Eu nunca amei, amo, por todos os amorosos; nunca tive fome, tenho fome por todos os famintos! Sofro, enfim, eu só, os tormentos de toda a Humanidade!... (SÁ-CARNEIRO, M., s/d[b]: 186-187)

Mais tarde, considerado louco, Patrício Cruz é internado em Rilhafoles, onde por diversas vezes se tenta suicidar (o que viria, de facto, a acontecer, embora, curiosamente, numa outra novela do mesmo Sá-Carneiro, intitulada *Loucura*).

Desde logo três ideias nucleares se impõem, após a leitura destas palavras: a que reenvia para a noção de *alteridade*, no sentido técnico-literário que Mikhaïl Bakhtine lhe conferiu, quando ensina que o homem “ne coïncide jamais avec lui-même” (BAKHTINE, M., 1970: 97); a que remete para a representação de um tema caro ao Modernismo português, em geral, e, em particular, a Mário de Sá-Carneiro, esse poeta do *Quase* que, em carta a Fernando Pessoa, datada de 13 de julho de 1914, se diz “embalsamado de si próprio” (SÁ-CARNEIRO, M., 1992: 169): refiro-me ao tema da *dispersão*, aqui traduzido pela loucura e pelo suicídio

de Patrício Cruz – atos esses que, neste contexto, resultam, em última instância, do propósito de se querer atingir *algo* que é identificado como totalidade e do reconhecimento dessa impossibilidade; finalmente, uma terceira ideia que, mediamente, decorre desta: a que diz respeito à superlativização de um sujeito que, figurando-se como “homem perfeito”, consegue, em atitude plural descentrada, sentir por todos e assumir-se como um sujeito com predicados transcendentais.

2. Atitude semelhante, encontramos-la no heterónimo de Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, mais concretamente no seu *Ultimatum*. Publicado em 1917, na revista *Portugal Futurista*, este manifesto reveste-se de uma dimensão vanguardista estreitamente ligada ao seu estatuto de texto com três marcas ideológicas inequívocas: a vertente niilista, a postura futurista e um posicionamento estético que traduz uma motivação de propriedade heteronímica. Entretanto, no contexto que, para já, nos interessa, importa igualmente lembrar uma outra vertente, mais relacionada, aliás, com o perfil do *manifesto literário*: a particularidade profética do seu discurso. Esta propriedade encontra-se visível na última parte do *Ultimatum*: aí, saudando desenvoltamente o Infinito (numa atitude com uma arrojada carga de visualidade), Álvaro de Campos sintoniza o “homem-futuro” com o “Super-homem”. E, com esse desiderato, com essa fome de impossível (a lembrar o *gesto* zaratustriano de Nietzsche), anuncia:

Proclamo, para um futuro próximo, a criação científica dos Super-homens!

Proclamo a vinda de uma Humanidade matemática e perfeita!

Proclamo a sua Vinda em altos gritos!

Proclamo a sua Obra em altos gritos!

Proclamo-A, sem mais nada, em altos gritos!

E proclamo também: Primeiro:

O Super-homem Será, Não o Mais Forte, Mas o Mais Completo! [carregado no original]

[...] Segundo:

O Super-homem Será, Não o Mais Duro, Mas o Mais Complexo! [carregado no original]

[...] Terceiro:

O Super-homem Será, Não o Mais Livre, Mas o Mais Harmónico! [carregado no original] (PESSOA, F., 1986b: 1116-1117).

Por estas palavras se pode ver como, para Campos, a pervivência de uma tal entidade num amplo processo de *renascimento* se certifica por quesitos primordiais, que correspondem a categorias bem definidas do discurso profético: ele proclama e exalta “para um futuro próximo, a criação científica dos Super-homens!”; e, naturalmente também no âmbito desse discurso, Campos apregoa o somatório e a convergência de qualidades que o referido “Super-homem” possuirá: ele deverá ser o Mais Completo!, o Mais Complexo! e o Mais Harmónico!”. E justamente porque redobra a dinâmica de todo o *Ultimatum*, Campos faz com que essa proclamação verbere, com impetuosidade e pujança egotista, o desdém pela Europa de então, quando, no final, pronuncia:

Proclamo isto bem alto e bem no auge, na barra do Tejo, de costas para a Europa, braços erguidos, fitando o Atlântico e saudando abstractamente o Infinito! (*idem*: 117)

3. Não menos elucidativos quanto à definição deste *sujeito modernista* – de um sujeito que, em claro investimento subjetivo, se procura destacar da sociedade (pois sente-lhe a coloração negativa, banal, matizada pela convenção cultural) – são os testemunhos que Almada Negreiros nos oferece no ensaio *As 5 Unidades de Portugal* (publicado em 1935) e no romance *Nome de Guerra* (de 1925, mas só publicado em 1938).

Ainda que o ensaio se encontre temporalmente distante do romance, Almada concede em ambos, de forma exemplar, uma atenção importante ao problema do *sujeito*: um sujeito que ora nos aparece representado em oposição à sociedade, ora equacionado em termos mais alargados, que nos reenviam já para um cenário universal. Assim, em *Nome de Guerra*, o narrador apela:

Não deixemos a sociedade assentar arraiais sem primeiro ter reconhecido pessoalmente a cada um. A ver se, por fim, ela deixa de se ofender com o nosso sincero caso pessoal. (NEGREIROS, J. A., 1992a: 204-205)

Por seu lado, no ensaio *As 5 Unidades de Portugal*, numa reflexão com um alcance mais geral, próximo do discurso abstrato (o que, só por isso, se torna significativo pela franja ideológica de que essa reflexão automaticamente se reveste), Almada enuncia:

A pessoa humana é a única finalidade de tudo quanto acontecer na Terra.

[...] O respeito por cada uma das pessoas humanas é a única ligação que teremos no diálogo das gerações e no encontro da humanidade com a própria humanidade. (NEGREIROS, J. A., 1992b: 69-70)

Independente, para já, do realce conferido ao *Outro* – que, aqui, assume a forma da “sociedade” e das “gerações” (passadas) –, o que desde logo se torna igualmente evidente é aquilo que aponta para a *dimensão individual de cada sujeito*, apesar de a sua própria condição se encontrar dependente das relações com aquele *Outro*. Ora, é justamente por força do crédito concedido a essa dimensão que se torna legítimo ao narrador de *Nome de Guerra* enfatizar que cada sujeito deve transpor as “malhas” da sociedade com a sua “sinceridade”; e isto tanto é mais significativo quanto é o facto de Almada acabar por reconhecer que “a única maneira que existe no mundo para revelar cada um, a si e aos outros, está dentro de cada um mesmo, é a sua sinceridade” (NEGREIROS, J. A., 1992a: 204). Só deste modo (pela sinceridade que o ajustamento a valores considerados irrepreensíveis implica) o sujeito se poderá encontrar.

Também num outro texto cardinal da produção ensaística de Almada Negreiros, significativamente intitulado *Prometeu (Ensaio Espiritual da Europa)* (publicado em 1935), este poeta-pintor-dramaturgo-ensaísta avizinha esta questão. Aí, apadrinha duas noções: por um lado, a necessidade apodíctica do convívio de Prometeu (representante do “conhecimento”, “o protagonista do humano”) com Cristo (representante da “fé”, “aquele onde o humano e o divino não se aniquilam mutuamente”); por outro lado, a imperativa união entre a coletividade e o indivíduo. Conclui, defendendo que se torna obrigatório ressaltar a filiação de cada sujeito, de cada pessoa, não a «sistemas», mas a si próprio. E escreve:

A pessoa humana é um negócio particular de cada pessoa humana. Todos temos [...] forças atávicas que nos impelem para sentido determinado e particular a nós próprios; mas se estas forças atávicas não resultarem em incontinência, mas forem autodirigidas, isto é, dirigidas sobre si mesmas, em vez de uma fatalidade ou de um destino sobreposto ao nosso, passam a ser a melhor das energias ao serviço da nossa própria personalidade individual. (NEGREIROS, J. A., 1992b: 113)

De notar, sobretudo, o significado assumido, nestas palavras, por três ideias: em primeiro lugar, a que aponta para uma situação em que se reconhece o peso

das forças exteriores a cada indivíduo – inevitavelmente delimitado por um passado protagonizado pelas “forças atávicas” que, segundo Almada, o condicionam; cada indivíduo encontra-se por isso diretamente envolvido numa determinada dinâmica existencial, da qual se não podem revogar determinados impulsos que, impelindo esse mesmo indivíduo, o transcendem. Esta ideia é complementada por duas outras: a que decorre do confronto de cada indivíduo (entidade caracterizada por matizes singulares e específicos) com o passado, que o condiciona, e a que incide na necessidade de cada indivíduo, integrado num jogo dialógico *eu-outro*, ultrapassar, de forma ativa, o ónus motivado por aquelas “forças atávicas”, de forma a dirigi-las para a sua definição, autónoma e peculiar, e a colocá-las na construção da sua própria identidade.

4. Como quer que seja, o que aqui interessa acima de tudo realçar é a *consciência* que o sujeito tem de si mesmo. E se sublinharmos esta ideia, fazemo-lo no contexto de uma categorização específica do *sujeito cognoscente*, categorização essa que acaba, no fundo, por alvejar o desdobramento desse mesmo sujeito. Seguindo este raciocínio, torna-se importante salientar que o realce conferido à dimensão cognitiva relativa ao processo de autoconsciencialização significa, numa perspectiva estética, a valorização de uma *conceção dialógica do sujeito* – já que a atitude de diálogo do sujeito consigo mesmo implica um desdobramento, ou, como disse Habermas, “La subjectividad como relación consigo mismo se explicita en la relación diádica de la autorreflexión” (HABERMAS, J., 1993: 366).

Nesta ordem de ideias, o sujeito, enquanto indivíduo pertencente a uma sociedade (e a uma espécie), mantém para com ela uma relação de dependência, uma vez que a formação e o desenvolvimento da sua personalidade não se podem dissociar das motivações e das informações que, ao nível linguístico e cultural, se encontram subjacentes a todo o “sistema social”.

Falar, assim, em sujeito e em “sistema social” é insistir na noção segundo a qual o sujeito (enquanto entidade biológica e reflexiva), para atingir uma maior autonomia, se encontra numa relação de dependência para com o real, do qual recebe energia e informação que lhe permitirão auto-organizar-se.

E se é certo que essa auto-organização difere de sujeito para sujeito, não é igualmente menos certo que a *identidade* de uma coletividade poderá ser afetada pela imposição forçada de argumentos conducentes à crise dessa sociedade – sobretudo se o comportamento desses sujeitos for “manipulado” ideologicamente.

É, aliás, tendo em conta esta ideia que Horkheimer e Adorno criticam a “alienação” da sociedade provocada pela “*rationalité technique*” (HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W., 1994: 130) – a mesma “alienação” que (tão bem *representada* por Chaplin, em *Tempos Modernos*) se foi intensificando nos inícios do século XX, e que foi tão intranquila e desassossegadamente sentida pelo *outro eu* pessoano Bernardo Soares, bem como pelo próprio Fernando Pessoa; repare-se no que, a este propósito, escreve Pessoa (em, provavelmente, 1916):

[...] a geração a que pertencemos [...] traz consigo uma riqueza de sensação, uma complexidade de emoção, uma tenuidade e intercruzamento de vibração intelectual, que nenhuma outra geração nasceu possuindo. Veja-se. [...] O aumento das facilidades de transporte, o exagero das possibilidades do conforto e da vantagem, o acréscimo vertiginoso dos meios de diversão e de passatempo – todas essas circunstâncias [...] criaram, definiram, um tipo de civilização em que a emoção, a inteligência, a vontade, participam da rapidez, da instabilidade e da violência das manifestações [...] típicas do estádio civilizacional. [...] A hiperexcitação passou a ser a regra. (PESSOA, F., 1966: 163-164)

depois, conclui:

[...] chegámos a uma época singular, em que nos aparecem todos os característicos de uma decadência, conjugados com todos os característicos de uma vida intensa e progressiva.

[...] Assim, cada um de nós nasceu doente de toda esta complexidade. Em cada alma giram os volantes de todas as fábricas do mundo, em cada alma passam todos os comboios do globo, todas as grandes avenidas de todas as grandes cidades acabam em cada uma das nossas almas. Todas as questões sociais, todas as perturbações políticas [...] entram no nosso organismo psíquico, no ar que respiramos psiquicamente, passam para o nosso sangue espiritual, passam a ser, inquietamente, nossas como qualquer cousa que seja nossa. (*idem*: 166-167)

Apesar de longas, pensamos que as citações se justificam. E a sua pertinência reside no facto de apontarem para uma específica situação histórica da geração modernista a que pertenceram Pessoa, Almada e Sá-Carneiro (e não dificilmente veremos nessas palavras um retrato do palco cultural contemporâneo). Com efeito, as palavras citadas, dentro do alcance ensaístico a elas inerente,

esclarecem-nos triplamente: por um lado, o *dinamismo* que então caracteriza esse tempo – marcado pela multiplicidade de sensações e pela “complexidade” da emoção –, uma época que se exime à passividade, pela carga de triunfalismo que encerra. Isso mesmo é atestado quando Pessoa se refere ao “exagero [...] do conforto”, ao aumento das “facilidades de transporte” e ao “acréscimo vertiginoso dos meios de diversão”. No fundo, trata-se de sublinhar uma ambiência onde os valores de movimento e velocidade são absolutizados. Repare-se, depois, no segundo sentido alvejado por estas palavras: o de *totalidade*. Encontramo-lo, quando Pessoa matiza com um alcance universal “cada alma [moderna]”, por esta concentrar em si “os volantes de todas as fábricas do mundo”, constituir a passagem de “todos os comboios do globo, todas as grandes avenidas de todas as grandes cidades”, de “todas as questões sociais, todas as perturbações políticas”. Atente-se na importância de o sujeito modernista reunir em si signos representativos do desenvolvimento tecnológico e de um tempo que se expressa pelo diapasão da velocidade e da máquina. O sentido, porém, que, com maior intensidade deflui dessa ambiência citadina, marcada irrefreavelmente pelo signo do cosmopolitismo, é o de *crise*, sentido esse que transparece quando Pessoa sublinha os “característicos de uma decadência” que ilustram aqueles tempos. E, ao aceitar-se a imagem daquela “época singular” em que vivem Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Mário de Sá-Carneiro como uma época que se consolida no diálogo entre o triunfalismo e uma forma especial de desassossego, mais facilmente compreenderemos a profunda crise do sujeito modernista, apologista da velocidade, mas inquieto perante o impacto sofrido com o desenvolvimento científico-tecnológico... um sujeito vivendo, sentindo, e pressentindo, um cenário geral cujos contornos revelam decisivamente um sentido geral de fragmentação estético-ideológica, onde prevalece a subversão das relações humanas, em concordância com a desordem interior desse sujeito que acaba por sofrer com o desenvolvimento tecnológico e com o aumento progressivo da insensibilidade e do calculismo.

5. Pelo que foi dito, parece-nos possível identificar com alguma nitidez os finais do século XIX e inícios do século XX como um panorama histórico em que se acentua a *falência do sujeito monológico*. Nesse sentido, nunca poderíamos perder de vista questões consideradas indispensáveis, no estudo desta questão, como, por exemplo, o *diálogo entre o triunfalismo e a incerteza*, a *crise histórica da ideologia*

burguesa e da filosofia positivista, a dessublimação da vivência religiosa, a emergência do plural e o consequente desgaste da noção de estabilidade, bem como a falência das coordenadas filosóficas de raiz cartesiana.

Fernando Pessoa responde, mediatemente, a tudo isto com a sua *escrita*, tentando ultrapassar, por assim dizer, esse sentimento de crise, de incerteza e de desassossego. Como responde? Com a criação de *ismos* literários, ou, de forma mais evidente e notória, com a despersonalização em pseudónimos, semi-heterónimos e heterónimos. São (também) estas *vozes outras* de Pessoa que acabam, afinal, por expressar um projeto demiúrgico, através do qual o *eu* cria os outros *eus* – não propriamente à sua imagem, mas dando-lhes independência e liberdade para viver no universo literário.

Ora, o equacionamento de um sujeito marcado, desta forma, pelo signo da multiplicidade não pode ignorar um conjunto de princípios que, pela sua dimensão estético-literária, remetem para a valorização de potencialidades de representação, capazes de emblematicamente conferir a esse sujeito, pelo menos num plano teórico, qualidades polifónicas. E porque o sagrado é a manifestação da unidade, e a unidade é território divino, não se torna difícil perceber uma certa perturbação de um sujeito que se expressa literariamente, quando, nesse mesmo âmbito literário, se procura situar entre a realidade plural e essa mesma unidade. Equacionado como entidade estética que, na razão direta da consciência de si e do mundo, se pluraliza, este sujeito, pelo recurso à manifestação estético-literária, acabará em definitivo por concretizar em si mesmo essa *pluralidade*, ou, noutros termos, essa *alteridade* estético-literária – movimento ao mesmo tempo centrífugo (porque, em primeira instância, o sujeito sai de si) e centrípeto (porque, em última instância, o sujeito procura o centro).

A este nível, são bem conhecidos os pressupostos teóricos de Fernando Pessoa acerca do ato de produção literária, que comportam uma conceção onde, ao lado da vertente cerebral e intelectual, surge amplamente valorizado todo um leque de questões relacionadas com a alteridade. Assim, na carta a João Gaspar Simões, datada de 11 de dezembro de 1931, Pessoa, referindo-se ao estudo que o seu destinatário lhe dedicara (inserido no livro *O Mistério da Poesia*, do mesmo Gaspar Simões), caracteriza-se como “poeta dramático”, sentindo “despedando-se” de si, e “transmutando” o que sente “para uma expressão alheia” ao que sentira (PESSOA, F., 1986b: 302 e 303); reenvia-nos assim de imediato para o último grau da “poesia lírica”, grau esse que entronca na figura do heterónimo (PESSOA, F., 1986c: 87-88), pela despersonalização completa que o sujeito poético leva a cabo.

Ora, para devidamente avaliarmos as motivações subjacentes a esta ideia, concentremo-nos no que particulariza a figura do *heterónimo* pessoano.

Em primeiro lugar, esse heterónimo ultrapassa os limites de uma mera e simples mistificação literária, sendo criado por Pessoa com uma lógica interna plena de seriedade literária.

Em segundo lugar, o heterónimo deve ser lido sob o signo do fingimento, tendo em conta a circunstância de ser uma personalidade fictícia, embora nunca expressão de uma insinceridade; ele é, sobretudo, a expressão poética de uma alteridade séria que desmistifica a existência de um “discurso pleno”.

Mais: essa desmistificação não só encerra um projeto de alteridade, como também é motivada pela necessidade de representar uma profunda conceção da vida e do universo.

Para além disso, devemos igualmente perfilar o heterónimo como o reflexo especular – mas, sempre, mediato – de um mundo em crise, mundo esse que, nos inícios do século XX, está ciente da sua contingência; também por isso, Pessoa, integrado nesse palco, abdica da identidade monológica e desdobra-se polifonicamente em diversos *eus*.

A esta proposta de interpretação não poderá ser indiferente a leitura da heteronímia como se de um “drama em gente” se tratasse. Porém, sublinhe-se: se, por um lado, o heterónimo é uma espécie de personagem dramática, por outro, ele não constitui uma personagem de um drama construído por um dramaturgo e inserido numa ação teatral.

Desta conceção não se pode desligar uma outra: a de que a heteronímia é um processo potencialmente aberto ao “infinito” e não autotelicamente fechado nos seus próprios limites. “Que cada um de nós multiplique a sua personalidade por todas as outras personalidades”, reclamou Pessoa (PESSOA, F., 1966: 124).

Finalmente, um último aspeto de peso considerável é constituído, de novo, pelo signo da pluralidade, peculiar substrato ideológico que informa o discurso heteronímico; e o fundamento da conceção do mundo inerente ao heterónimo ergue-se sobre essa marca. Por isso, heterónimo e pluralidade discursiva não podem dissociar-se; cada heterónimo apresenta reflexões e pontos de vista autónomos, o que contribui para a conceção da heteronímia como um espaço discursivo irredutível a um único discurso de que decorre a concretização de uma pluralidade ideológica.

Como quer que seja, e o que importa, acima de tudo, frisar, é o facto de a heteronímia pessoana poder ser encarada como um procedimento técnico-literário,

mas, igualmente, de ela poder ser considerada como um fenómeno que responde dialogicamente a um determinado contexto histórico-cultural.

6. Naturalmente que o que neste contexto se encontra em causa é sobretudo ter a clara noção de que, quando se postula a crise do sujeito nos finais do século XIX e inícios do século XX, torna-se imprescindível reconhecer todo um panorama histórico-cultural, científico-tecnológico, político-ideológico e estético-literário representativo de um ciclorama pardacento cujas certezas positivistas ruíam paulatinamente. Uma plétora de *ismos* ilustrava, também (mas não só) no plano artístico e literário, uma realidade multiforme (o Acmeísmo, o Catastrofismo, o Construtivismo, o Criacionismo, o Cubismo, o Cubo-Futurismo, o Dadaísmo, o Decadentismo, o Expressionismo, o Fauvismo, o Imagismo, o Impressionismo, o Integralismo, o Interseccionismo, o Neo-Paganismo, o Paulismo, o Saudosismo, o Sensacionismo, o Simultaneísmo, o Suprematismo, o Simbolismo, o Unanimismo, o Vorticismo...).

O sujeito estético, atento a essa realidade, lúcido em relação às transformações e aos acontecimentos culturais que o rodeavam, via-se necessariamente obrigado a apreender, mediatamente, esses *ismos*, desdobrando-se. E, como se disse, é precisamente o desdobramento do sujeito uma das questões nucleares do universo textual pessoano, quando com esse universo se relacionam a heteronímia de Fernando Pessoa, bem como os *ismos* por ele criados (Paulismo, Interseccionismo, Sensacionismo e Neo-Paganismo).

É certo que podemos encarar os *ismos* pessoanos como um conjunto de subcorrentes que acabam, numa última instância, por colocar o problema da polifonia estética num lugar cimeiro, numa correspondência, mediata, com o problema da pluralidade ideológica, e, imediata, com o aparecimento dos heterónimos; certo é que eles podem igualmente ser encarados como uma tentativa, por parte de Pessoa, de produzir novas formas de expressão estético-literária; e não é igualmente menos certo que podemos encontrar algumas das suas motivações no legado filosófico anticartesiano já atrás referido.

Daí em parte se poder confirmar, no âmbito da produção de Fernando Pessoa, o modo como ele defende frequentemente que o artista não se deve exprimir num só registo estético, nem com um só *eu*. Fá-lo, exemplarmente, através do heterónimo Álvaro de Campos, no *Ultimatum*, quando proclama que

Só tem o direito ou o dever de exprimir o que sente, em arte, o indivíduo que sente por vários. (PESSOA, F., 1986b: 1113)

e que

Nenhum artista deverá ter só uma personalidade. (*idem*: 1114).

Com estas palavras se confirma com clareza a conceituação da pluralidade do sujeito estético pessoano, um sujeito que apresenta, e vive esteticamente, uma multiplicidade de tendências – como que representando aquilo que foi a pluralização ideológica dos inícios do século XX, e personificando a atitude de *síntese* que a Geração de Orpheu procurou diversamente atingir.

7. Essa personificação não se encontra, aliás, desligada da ideia pessoana de *homem universal*, condição passível de ser experimentada pelo sujeito a partir do momento em que ele tenha plena consciência de cada um dos registos ou de cada uma das *máscaras* assumidas. É assim que Pessoa, provavelmente em 1916, doutrina:

Será [...] impossível o tipo de *uomo universale*? Será impossível o indivíduo que seja poeta, homem de ciência e político, por extremo exemplo? Não; isso pode ser, logo que ele seja poeta quando é poeta, político quando é político e homem de ciência quando homem de ciência. (PESSOA, F., 1986c: 76)

A confirmar-se o alcance hermenêutico das leituras que até agora foram levadas a cabo, colocando-se este problema nestes termos, facilmente se poderá regressar ao problema inicial: o que se encontra definitivamente ligado à ideia de “homem perfeito”, de *sujeito genial, com qualidades sublimadas*.

Variavelmente Pessoa, Almada e Sá-Carneiro parecem atribuir-se certas particularidades cujo alcance, incidindo direta ou indiretamente sobre eles mesmos, lhes confere um estatuto de alguma excepcionalidade. Provam-no as noções de acordo com as quais se pode afirmar que esse *sujeito de qualidades sublimadas* é: aquele que melhor é capaz de “aperfeiçoar a vida”, como Pessoa defende, em 1922, no texto *António Botto e o Ideal Estético em Portugal* (PESSOA, F., 1986b: 1242-1243); aquele que possui uma “ânsia abstracta de conhecer”, assegura Pessoa,

num texto sem data (PESSOA, F., 1986c: 441); aquele que pretende a glória como uma “imortalidade abstracta”, interpreta Bernardo Soares, num fragmento de 18 de junho de 1931 (PESSOA, F., 1986b: 645); aquele que se distingue pela “qualidade da ironia”, revela-o Fernando Pessoa num texto publicado em 12 de setembro de 1920, no *Notícias Ilustrado*, sobre “O síndrome provinciano da mentalidade portuguesa dominante” (*id.*: 1304-1305); aquele que (como Pessoa alega num texto sem data) compreende e controla a funcionalidade do posicionamento alteronímico, através do qual aprende a “sentir tudo sem o sentir directamente” (LOPES, T. R., 1990: 27); aquele que consegue “representar em si mesmo toda a sua época” (PESSOA, F., 1986c: 127), previne Pessoa, num texto em inglês, de provavelmente 1917; aquele que se distancia da vida em sociedade, procurando a “glória” do isolamento, da indiferença (PESSOA, F., 1986b: 114) – o que não significa que, inconformado e insatisfeito, não participe socialmente, nem que se não coloque criticamente em relação à época em que vive; aquele que evidencia não só coragem, faculdades intelectuais, capacidade crítica, fantasia, imaginação, mas, sobretudo, originalidade (*id.*: 1310-1311); aquele que, modelo que é, tem capacidade para influenciar milhões e “construir a civilização” – defende-o Almada (NEGREIROS, J. A., 1992b: 96); aquele que se sente “par dos Deuses sendo homem, par dos homens sendo deus”, como pronuncia Pessoa, no texto *Mário de Sá-Carneiro* (PESSOA, F., 1986b: 1277-1278); aquele que, prometeicamente, consegue “atingir o universal” pelo conhecimento, como afirma Almada no ensaio *Prometeu (Ensaio Espiritual da Europa)* (NEGREIROS, J. A., 1992b: 98); aquele que, finalmente, como diz Álvaro de Campos, no *Ultimatum*, se revele como “o Mais Completo”, “o Mais Complexo”, “o Mais Harmónico”.

Porém, os que, no seu batel de excessividade, procuram esvoaçar mãos eufóricas e batizar a dor do conhecimento divino, esses, convivem com uma solidão: a solidão dos “heróis”. Não foi assim, afinal, que Mário de Andrade se reconheceu como “trezentos”, como “trezentos-e-cinquenta”, e que preveniu: “*Mas um dia afinal eu toparei comigo...*”?

O “Homem”, escreveria Almada, “não deve desejar além do que é humano, para não desafiar a ira dos deuses” (NEGREIROS, J. A., 1993: 61). Por seu lado, Mário de Sá-Carneiro confessaria: “[...] a minha Ânsia é um trapézio escangalhado...” (SÁ-CARNEIRO, M., s/d[a]: 96). Já no universo pessoano, enquanto Álvaro de Campos reconheceria que, “embora ele tivesse querido tudo, tudo lhe faltou” (PESSOA, F., 1986a: 947), Bernardo Soares acabaria também por considerar que “Adoramos a perfeição porque a não podemos ter” (PESSOA, F., 1986b:

876 ["LD" [texto sem data)]; e o próprio Pessoa ensinaria: "[...] a humanidade tem uma intuição do absoluto, mas, pela sua própria natureza, não mais do que uma intuição" (PESSOA, OC, III: 336).

Em última análise, será para estas ideias que mediatamente reenviará a noção do "super-homem" de Álvaro de Campos. O mesmo é dizer que acolher os desígnios que guiam Álvaro de Campos na busca da plenitude do "Super-homem" é consentir que eles têm a sua principal razão de ser na *grandeza e integridade* incutidas a essa busca. Quando tal acontece, tende-se irreversivelmente para o equacionamento da superlatividade do sujeito – confirmando-se por essa óptica a sua plenitude cujos contornos se encontrarão, antes de tudo, no próprio sujeito. Isto é: querer vivenciar, artisticamente, literariamente, qualquer forma de totalidade pressupõe primordialmente a atitude do sujeito face a essa vivência... ou, dito de outra forma, admite a convicção na flor entreaberta para aquilo que é possível, para aquilo que a contingência do mistério e do futuro desconhecido deixa adivinhar.

Foi essa, afinal, uma das lições de Fernando Pessoa, quando, cerca de um ano antes de falecer, escreveu:

Na véspera de nada
Ninguém me visitou.
Olhei atento a estrada
Durante todo o dia
Mas ninguém vinha ou via,
Ninguém aqui chegou.

Mas talvez não chegar
Queira dizer que há
Outra estrada que achar. (PESSOA, F., 1986a: 404)

Bibliografia

- BAKHTINE, Mikhaïl (1970) – *La Poétique de Dostoïevski*, Paris, Seuil.
- HABERMAS, Jürgen (1993) – *El Discurso Filosófico de la Modernidad*, Madrid, Taurus.
- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. (1994) – *La Dialectique de la raison*, Paris, Gallimard.
- LOPES, Teresa Rita (1990) – *Pessoa por Conhecer – Textos para um Novo Mapa*, Lisboa, Editorial Estampa, Vol. II.
- NEGREIROS, José de Almada (1992a) – *Obras Completas – Nome de Guerra*, 2ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. II.
- NEGREIROS, José de Almada (1992b) – *Obras Completas – Ensaaios*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. V.
- NEGREIROS, José de Almada (1993) – *Obras Completas – Teatro*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. VII.
- PESSOA, Fernando (1966) – *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* [textos estabelecidos e prefaciados por G. Rudolf Lind e J. do Prado Coelho], Lisboa, Edições Ática.
- PESSOA, Fernando (1986a) – *Obras de Fernando Pessoa* [Introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros], Porto, Lello & Irmão Editores, Vol I.
- PESSOA, Fernando (1986b) – *Obras de Fernando Pessoa* [Introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros], Porto, Lello & Irmão Editores, Vol II.
- PESSOA, Fernando (1986c) – *Obras de Fernando Pessoa* [Introduções, organização, biobibliografia e notas de António Quadros], Porto, Lello & Irmão Editores, Vol III.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (1992) – *Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro – Cartas a Fernando Pessoa I*, 2ª ed., Lisboa, Edições Ática.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (s/d[a]) – *Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro – Poesias*, Lisboa, Edições Ática.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (s/d[b]) – *Princípio e Outros Contos*, Mem Martins, Publicações Europa-América.